



A
VALSA
QUE NÃO ERA DELA

Amanda Ribeiro

A valsa que não era dela

Amanda Ribeiro

APRESENTAÇÃO

Escrever para mim, mais do que qualquer coisa, é colocar a alma no papel. É tomar todo o amor, toda a angústia, toda a felicidade ou qualquer coisa que você esteja sentindo e transformar em palavras que, mais que bonitas, devem ser sinceras. A correria do dia a dia às vezes te atrapalha, às vezes te afasta dessa atividade que é escrever. Pelo menos me afastou. E é principalmente por isso que eu agradeço profundamente a esse semestre de Escrita Criativa.

Eu espero que, tanto quanto eu gostei de escrever, você goste de ler esses contos.

SUMÁRIO

A última gota de lembrança no fundo de um copo de bar	7
Edifício Porte de Âme	11
Piores vinganças, melhores amigos.....	15
Caixinha de silêncio	21
A moda agora é, é andar pelado.....	27
Volúpia: o prazer é todo seu.....	31
Prato principal	35
Pesadelo	43
A valsa que não era dela	47
De amor e sonhos	53

1.

A última gota de lembrança no fundo de um copo de bar

Era loira, quase certeza. Podia até ser que fosse morena, mas tinha quase certeza que era loira. Estava largada em um sofá, iluminada pela luz negra de alguma festa maluca na casa do... De quem era a festa mesmo? E pediu mais um copo de cerveja.

Aquele era o sexto copo. Um perigo, considerando que o sol batia na casa das nove da manhã. Perigoso e estimulante. A sensação da lucidez chacoalhando seus nervos, endireitando sua visão e acordando seus neurônios. Perigosamente estimulante... O álcool reavivando as lembranças, que mesmo ele tendo jurado não esquecer na noite passada, agora não passavam de um quadro opaco em sua cabeça, a luz caleidoscópica lhe ofuscando os olhos e a risada daquela moça lhe ecoando na cabeça. Olhou em volta, mas era cedo demais para que tivesse companhia naquele bar afastado do centro da cidade. Ninguém quer se lembrar de muita coisa às nove da manhã. Bebeu um gole. A festa era do Armandinho.

Da moça, mesmo, nada.

O relógio do bar bateu dez horas quando o barman, trocando as pernas, colocou o braço como obstáculo débil entre ele e suas lembranças queridas.

— Chega de beber, ô. Eu não quero problema com gente sóbria no meu bar. — Pelo menos era isso que parecia dizer, nos hiatos de sua voz molenga.

Ele não respondeu; empurrou o braço e virou o resto do copo. Quando sentia o líquido gelado lhe descendo pela garganta, lampejos de lucidez lhe assaltavam. Mas era tudo muito breve, e ele, no desespero de reter aquilo tudo, trancava a garganta. Era inútil, era tudo inútil, e o líquido escorria pelo pequeno orifício da traqueia, na direção do esquecimento. Ah, se pelo

menos tivesse anotado o telefone!

Chegou no décimo copo ainda sem conseguir decidir qual era a cor dos olhos dela.

Lembrou-se do tom ligeiramente rouco de sua voz, de sussurrar em seu ouvido e morder a ponta de seus lábios. Lembrou-se do gosto de álcool em sua boca, e, de vontade, sentiu os lábios formigarem. Álcool, álcool... E pensar que uma noite o levava para o mau caminho. Nunca tinha sido dado a essas coisas; nunca tinha aprendido em casa. Divertido era melhor, leviano era melhor. Embriagado de sinais, de sonhos, de sintomas. Nunca de sensações. Não, melhor não sentir. Mas aquele beijo...

Aquele maldito beijo, aquele beijo desgraçado. Aquele beijo que ele queria lembrar.

Depois de vinte copos de discussão, chegou à conclusão de que era loira. Mas era morena também. Queria ser loira, na verdade, mas era morena de nascença. Seus dois lados estavam certos, afinal, e cada um se recolheu ao seu canto, meio emburrado. Nesse ponto da bebedeira, ele já podia se levantar e andar normalmente. Sem zigue-zague, sem tontura, sem nada. Como uma pessoa anormal, daquelas corajosas que se vê nos filmes. daquelas que enfrentam as adversidades em prol do amor. Nunca pensou que chegaria a esse ponto. Lúcido de amor. Começou a andar de um lado para o outro, as mãos na cabeça. Precisava juntar as peças e resolver aquela loucura.

A noite chegou e trouxe um conhecido em seu socorro. Passando de frente ao bar (o mais distante possível da entrada, claro, como qualquer cidadão de respeito faria), Clóvis reconheceu, com os olhos turvos de espanto, o sobrinho caminhando dentro do bar. Com passos receosos, entrou no estabelecimento com os passos cambaleantes e gritou seu melhor grito de bêbado revoltado para tentar tirar o jovem de um antro de perdição como aquele.

— Oooooo ô, Fabrício! Que que cê tá fazendo aqui? Sua mãe não vai gostar.

Mas ele só pensava nos olhos. Levantou a mão para impedir que aquelas mãos putridamente desembriagadas do estranho o tocassem. Inconsciente retardado da porra.

Opa, pensamento subversivo.

— Eu não te conheço. Sai daqui, por favor. Me deixa.

— Como não me conhece? Eu sou seu tio! Você vem comigo! — puxou desajeitadamente o braço do garoto, que revidou com um puxão mais firme para o lado oposto — Que que você tá fazendo aqui?

— Tô pensando. Tô pensando.

Ele arregalou os olhos de um tamanho que deu dó.

— Tá o quê?

— Pensando. Tô tentando lembrar de uma coisa.

O suposto tio, que vivia a vida fácil de todo dia, a vida dos perdedores de memória que não precisavam ligar no dia seguinte, afastou-se dois passos diante da palavra lembrança. Tinha uma vaga noção do que era, e não parecia bom. Sabia que era efeito colateral de alguma coisa. Do que que era mesmo?

Ah, é. Dor.

Afastou-se do garoto como quem se afasta do diabo, praguejando a desgraça da família. O barman quis aproveitar o ensejo e fechar o bar, mas Fabrício o amarrou na cadeira e abriu uma garrafa de uísque. Quem sabe a bebida mais forte não ajudasse?

No vigésimo primeiro, lembrou que os olhos eram castanhos

No vigésimo quinto, da marca de nascença na pontinha da orelha

No vigésimo oitavo, lembrou do perfume doce.

No trigésimo primeiro, teve certeza dos primeiros números do telefone. Nove seis nove dois...

Trigésimo quinto: seu nome lembrava um sabor de pizza (por incrível que pareça)

No trigésimo sexto, hesitou entre os últimos números. Seria oito nove sete zero? Não, não. Mas algo assim.

No trigésimo sétimo, caiu desmaiado sem conseguir lembrar o nome.

Ninguém sabe quantos dias passou no bar. Depois de imobilizar o barman e esvaziar todo o estoque de bebida, morreu às onze horas de um dia qualquer, podre de lúcido, jogado na calçada e com uma imagem fixa na cabeça. Ninguém o reconheceu, sordidamente sóbrio largado no meio-fio. Foi enterrado como indigente, no cemitério mais próximo do bar, onde um padre cantou-lhe versos bêbados e o coveiro lhe chorou lágrimas embriagadas.

Dizem as más línguas que morreu sorrindo.

2.

Edifício Porte de Âme

O relógio marcava exatamente dez e trinta e sete da noite quando Brigitte ouviu o grito pela primeira vez. Deixou de lado os pacotes da mudança, que tentava pôr em ordem desde que chegara à sua nova casa, algumas horas antes, e correu para ver se ainda conseguia captar os restos de qualquer coisa que estivesse acontecendo. O grito parecia vir do parque, um amontoado assustador de árvores que ninguém visitava, mas as imobiliárias insistiam em colocar como atrativo para o aluguel do prédio baixo e gasto que era o Edifício Porte de me.

Brigitte passou alguns minutos na janela, recuperando o fôlego e esperando que algo mais acontecesse. Não ouviu nada além de um choro baixo, nervoso, persistente. Um choro sufocado. Seria por dor? O que teria acontecido? Conturbada, a mulher se deitou no sofá. O peso das horas de mudança lhe veio às pernas e ela dormiu ali mesmo, com as luzes acesas e o martelar do coração silenciando o som das cigarras lá fora.

Quando despertou no outro dia, o sol já ia alto. Atravessou em poucos passos o apartamento que agora era pequeno demais (ou grande demais para alguém solitário como ela?). Foi até a janela e examinou a rua. Esqueceu-se de que agora estava ilhada, isolada, afastada do resto do mundo. Ali havia o prédio, o bosque e nada mais. Aquela era a vida que escolhera para si. Ou que seu medo escolhera para ela.

Esticou o pescoço para cumprimentar o vizinho do lado, um velho mais enrugado do que parecia humanamente possível, com uma protuberância encaroçada brotando do peito. Tentando não fazer ligações precipitadas en-

tre o cancro e o cigarro, ofereceu um sorriso amistoso e um bom dia antes de se apresentar formalmente. O velho ouviu suas palavras completamente imóvel, e ainda completamente imóvel respondeu ao cumprimento com uma baforada de anéis de fumaca. Ele fez como se a conhecesse, e dispensou a apresentação com um aceno de mão estático. Ela se lamentou pelo fato de ter parado de fumar.

Se estivesse morta, pelo menos não estaria ali sozinha. Abandonada. Pelo marido e pelo filho, as únicas coisas que ela tinha na vida. Ele dizia que me amava, pensou enquanto se esticava com a desculpa de cumprimentar mais vizinhos. Queria mesmo era procurar o dono daquele grito estranhamente familiar. E aquele choro, meu Deus, aquele choro. Lembrava até o...

À noite, o grito aconteceu de novo. Intenso, desesperado, apaixonado. E ela correu para a janela de novo. O que seria? Um potencial suicida? Um maníaco? Um assassino? O que quer que fosse ela queria saber. Queria ver, queria ouvir mais. Aquela dor, aquele desespero. Quis correr, saltar da janela, despencar porta afora e escada abaixo em direção ao parque. Mas a noite era nebulosa demais, o parque assustador demais, e a porta não se abria. Ela estava confinada ali, e tinha consciência daquilo, mesmo sem saber por quê. Decepcionada, correu até a janela. Nada além do choro, nervoso, dolorido, abafado. De novo.

Do lado de fora, só o velho nojento dos anéis de fumaça e, para abafar ainda mais o choro, a puta da vizinha, que gemia tão ou mais alto do que o grito. Ela quis perguntar se haviam ouvido, se sabiam o que era, o que devia fazer e se também estavam presos ali, mas sabia que eles não saberiam responder. E que eles não poderiam responder. A verdade era que, naquele buraco, só os pensamentos dela falavam.

Os dias foram se passando e os gritos foram ficando mais frequentes. Mais intensos. Eles vieram caminhando pelo bosque até o pé do seu ouvido. Agora o choro parecia ainda mais dolorido e o urro mais apaixonado. Um grito de desistência, mas um grito de amor, tinha certeza. O que seria? Um assassinato? Sim, um assassinato, ela sabia. Um sufocamento. Ela sabia. Só não sabia por quê. A única coisa de que tinha consciência era que, aquela pessoa havia feito aquilo só porque não podia cuidar do outro. Porque era sozinha, porque fora abandonada, porque tudo aquilo era difícil demais. A cada grito, a cada urro que remexia seu passado, ela tinha mais certeza. Não podia estar errada.

O velho soltava anéis de fumaça como se concordasse. A rameira gemia. E Brigitte pensou: eu devia ter gemido mais. Ser fiel para quê? Para acabar aqui? Abandonada?

A verdade é que ela queria ser cada um dos cantos do edifício. Queria ser uma puta como a do 302, queria se deixar devorar pelo vício como o do 304,

queria ter tido mais filhos como o do 201, queria ser estudada como o do 206. Queria poder sair livremente, como o do 301. Não podia. Estava presa ali, e nem ela sabia ao certo como. Presa àquele apartamento minúsculo, àquela vida solitária que só um criminoso mereceria, àquela mudança que não terminava nunca. Ela estava presa àquele grito, àquele urro de dor que a fascinava e deixava sem ar todo dia às dez e trinta e sete da noite. Àquela dor, àquele urro de quem desiste, de quem não aguenta mais: por que ele não para de chorar? Aquele grito que chama por um amor ausente: se você estivesse aqui entenderia meus motivos. Eu queria muito, muito, muito, mas não queria que fosse assim. Ele chora demais, ele sofre demais nas minhas mãos. Ele não se acalma nos meus braços. Aquele grito de talvez eu não tenha nascido para isso. Ela conhecia aquela dor, aquele abandono.

Parecia muito o dela.

Então ela começou a perceber que quem gritava todo dia as dez e trinta e sete era ela. Que aquele choro era dela. Que aquela dor que a tirava o ar era dela. Que o vizinho era ela. Carcomido pela doença que ela queria ter tido antes de cometer aquela atrocidade. Que a vizinha promíscua (ou seria melhor livre?) era ela, ela em seu esplendor, ela se tivesse seguido seus impulsos. E sair era o que ela queria fazer, e ter trinta filhos era o que ela queria, e morrer sozinha com vinte gatos era o que ela mais temia. Todo mundo temia. Mas aquela era ela. A vida dela e as escolhas dela. Ilhada do resto do mundo no maldito aglomerado de todos os seus erros. Atordoada, ela se afastou da janela. Tropeçou nas caixas... como aquela mudança nunca acabava! Sentou-se no sofá e colocou a cabeça entre as mãos. Sua voz agora era clara, ali, ao pé do ouvido. Ela sussurrava para si mesma. Como tivera coragem de fazer aquilo? Por que foi? Por atenção? Por desespero? Não, não por atenção, ela não era assim. Só que as coisas ficaram difíceis demais. Ele não estava perto. Seus pais não estavam perto. Ela estava sozinha. Sozinha. Atordoada com o volume dos próprios pensamentos, deixou-se cair no sofá e apagou.

Acordou em uma maca, cercada de médicos de olhos arregalados. Onde estava? Tentou se mexer, mas haviam esquecido de fazer duas mangas para aquela camisa. Que camisa engraçada, aquela! Ela olhou além e viu a seringa que o médico segurava. Como fora parar ali? Quem a tirara do Porte de me? Quem a tirara de dentro de si mesma? Quem a tirara de perto dele, meu bebê, meu amor? Os gritos, os gritos, ela suplicou, as mãos atadas implorando. E o tolo médico garantiu que aquilo ia fazer os gritos pararem. Ela se contorceu. Não queria que parassem. Não queria sair do Porte de me. Não queria fugir. Queria voltar. Voltar e arrumar toda aquela mobília.

3.

Piores vinganças, melhores amigos

Hoje é o dia da desforra. Ah, se é. Hoje eu pego aquele desgraçado e como vivo. Não, melhor, mastigo e cuspo fora. Não vale meu apetite. E pensar que eu já chamei esse filho da puta de amigo. Meu único amigo. É, vai ver foi amizade mesmo. Não quis me repartir com ninguém, nem com a gostosa do 312. E pensar no futuro que eu poderia ter ao lado dela... Uns minutinhos de futuro, que fosse... Droga. Desgraçado.

Ah, mas hoje ele vai ver. Ele não devia ter me deixado em casa. Comete uma atrocidade dessas e me deixa aqui, sozinho. É pedir para sofrer. Quase como enfiar a pontinha do pé no inferno só para sentir o calorzinho. O fato é: hoje tem.

Mas por onde é que eu começo? Talvez aqui mesmo, né? Na cozinha. Onde ele costuma me deixar quase escondido quando aquela horrorosa que ele chama de namorada vem visitar. É, vou começar por aqui mesmo. Por esse lixo bem fedido que ele não coloca para fora há quinze dias. Bem que ele tentou me pedir para colocar para ele, mas eu me finjo de surdo e vou fazer outra coisa. Eu não sou obrigado. Ele é que me respeite que eu não nasci para ser empregado. Eu tenho pedigree. Minha mãe sempre me dizia. Então eu vou pegar esse lixo, tirar esse saco para fora e espalhar bem aqui. Ele não queria que tirasse o lixo? Pois bem, tô tirando. Do mesmo jeito que eu tô tirando ele da minha vida.

Uma caixa de suco de manga em conserva, um pão mofado, uns pedaços de salame verde e as peles do frango assado que ele não quis comer — e nem me dar — porque “fazia mal para a saúde”. É demais, né? Querer controlar a minha vida. Ele já estraga a dele, agora vem querer estragar

a minha. Daqui uns dias eu tô que nem esse presunto aqui. Estragado. Mofado. Largado no canto. Porque, né? Sem um pedaço eu já tô.

Espalhei tudo pelo chão da cozinha e procurei por alguma coisa boa o suficiente para ilustrar o rastro do meu ódio (não sem antes experimentar um pouquinho de tudo, porque né, a gente não é de ferro). Uma laranja podre com um resto de suco esverdeado? Não. Ossinhos de frango de quinze dias atrás? Não. Leite de soja perdido há, pelo menos, seis meses? Maravilha. Eu troco meu olfato pela desgraça desse homem.

Então eu me sacudi todo em volta da cozinha. Fiz a volta olímpica esparramando a caixa por todo lado. Dei um salto para cima da cadeira da mesa de jantar e esparramei o resto por lá. Aproveitei e derrubei os copos que estavam lá em cima. Sempre muito descuidado, ele. Em vez de guardar os copos no lugar certo... Bom, se fodeu. Se estivesse no armário, eu não teria derrubado.

Se ele não tivesse me mutilado, eu estaria tranquilo dormindo no canto do sofá.

Mas não foi assim, né? Então vamos parar de chorar e começar a nos concentrar no essencial. Leite, leite, leite. Não, acabou. Suco de manga, então. Ah, e esse resto de sorvete também serve. Eu poderia deixar o fogo ligado e colocar fogo na casa de uma vez, mas eu acho que morrer junto não vale a pena. Não quero dar o gosto para o desgraçado. Nem segurou a minha pata, cara. Nem segurou a minha pata.

No meio do caminho, comecei a pensar nas coisas que poderiam me acontecer quando ele chegasse em casa, e por um segundo, eu sou obrigado a dizer que gelei. Eram tantas possibilidades! Rua, abrigo, prisão, ou, em último caso, se ele fosse muito muito muito cruel, me levar para aquele lugar horrível e arrancar outra parte de mim. Uma orelha, sei lá. Os dentes todos, um por um. Um pedaço do nariz, que nem naquele filme horroroso que aquele babaca do amigo dele, o Armandinho, adora assistir quando Telecine está aberto. Sempre as mesmas luzes, os mesmos meninos berrando, sempre o mesmo filme. E sempre os dois idiotas lá, comendo pipoca — e, é claro, nunca me oferecendo — e me esfregando com o pé achando que é carinho que preste. Deus, só agora eu vejo o quanto fui maltratado a vida inteira. Chutado que nem um vira-lata asqueroso (sou racista sim. Em um momento de dor, a gente precisa se expor como é), desprezado e depois violado assim, sem mais nem menos. Eu não merecia isso.

Fui cambaleando um pouco atordoado até o banheiro, procurar mais coisas para quebrar. Passei no caminho pelo corredor e dei um esbarrão no aparador. O vaso de vidro quebrou e espalhou as flores no chão. Bem feito. Olhei para a água do vaso e resolvi dar uma colorida no

ambiente. Levantei as pernas ali mesmo. Corredor: check.

Cheguei no banheiro e puxei a toalha do cabide da porta. Fio egípcio, o filho da puta disse para a namorada quando foi levar ela para o banheiro. Só se for egípcia de velha, meu filho, porque eu vi isso sair daquele armário da casinha dos fundos da sua mãe quando você se mudou para cá. Aliás, quem é que vem morar sozinho só aos 35? Francamente, né? E ainda me traz junto para provar que é responsável. Vai arrumar uma planta, filho da puta. Um bonsai.

Rolei por cima da toalha, pisei, mordi e arranhei para puxar todos os fios, egípcios ou não. Ficou até bonitinha assim, manchadinha de marrom. Era branquinha demais. Tentei puxar a pasta de dente para baixo da pia e espalhar por cima da toalha, mas não deu. Então desenrolei todo o papel higiênico. Mais xixi por cima. Tomei uns goles de água do vaso sanitário para repor um pouco do meu estoque. Afinal, ainda faltava a sala.

Ai, meu Deus, o desgraçado não deu descarga direito. Ugh, que nojo. Eu acho que eu vou vomitar. O que é bom, porque eu posso correr para a sala e vomitar no tapete persa dele. “Persa”, né, vamos combinar. A vida toda desse cara é uma mentira. Inclusive os momentos em que ele me abraçava e dizia que eu era o amigão dele.

Amigão da onça.

Fui correndo e derrapei pelo piso de madeira em direção ao tapete. Só depois de me aliviar ali, no centro da sala, é que lembrei que o pós-operatório não me permitia esse tipo excesso. O médico foi bem claro: se eu não quisesse voltar para lá, tinha que me cuidar. Eu já não era moleque mais, tinha consciência. Ah, mas Deus sabe que eu ainda tinha muito a aproveitar. Muito a fazer. Mas agora, já era. Tudo perdido. Tudo por conta de uma voltinha inocente no parque.

Vendido pelo balançar de um frisbee. Que baixeza, meu pai, que baixeza. Se a minha honrada mãezinha ainda estivesse viva, era capaz de cair morta de tristeza. Meu pai, então, nem se fala. Com aquele vozeirão e aquela cabeleira loira toda descendo pelo rosto. Eu nem voltaria para casa. Você tá louco.

O vômito no tapete é um bom começo, mas eu acho que eu posso dar uma de gato e arranhar esse sofá também. E arregaçar essas almofadas de bichinho que a namorada dele deu para ele. Na verdade, eu tô fazendo é um favor, se você for pensar. Ô mulher brega, viu? Senti minha barriga revirar pelos restos de lixo da cozinha.

Opa, hora do toque final.

Eu caminhei até o quarto, pé depois de pé, contando os passos. Triunfante. Sentindo o último prato da vingança se formando magnânimo nos meus intestinos. Eu segui pelo corredor interminável. Torci o nariz para o

cheiro de podre da cozinha. Passei pelo banheiro e pelas toalhas esfarrapadas. E cheguei. Cheguei à última porta, ao último paraíso da vingança. O quarto.

Saltei direto para a cama. A cama proibida. Senti a textura maravilhosa do lençol de seda. Rolei sobre ele como um deus, porque eu sei que o desgraçado espirra que nem um condenado quando os pelos ficam presos no lençol. Como se eu fosse sujo. Limpei meus pés sujos dos detritos de meu ódio na colcha da cama. Ficou manchado de verde, bem feito. Ele odeia verde. Rolei mais um pouco e observei meu próprio prazer no espelho de centro. Derrubei o abajur da mesinha de cabeceira, espalhei as folhas do livro, sacudi o travesseiro ao meu bel-prazer. Ai, como é bom. Como é bom acabar com a vida desse homem. Todos esses anos me reprimindo. Ah, aquele homem da série do Armandinho estava tão tão errado. A vingança é sim, plena. Armandinho, Armandinho. Sempre vendo as coisas erradas. Tolo homem.

Tolo é uma coisa que eu não sou mais. Nunca mais. Ficar deitando no chão para agradar os outros. Nunca mais. Então eu me preparei. Eu me preparei. Eu fechei os meus olhos e me concentrei. No maior presente que eu poderia dar para alguém que odeio. Conte um, dois, três. E foi. Foi.

Dei alguns passos para trás para contemplar a minha obra. Arte. Simplesmente arte. Uma obra-prima. Uma Torre Eiffel. Sem palavras para descrever essa maravilha. Tinha até aquela pontinha de acabamento. Que nem aqueles mini bolinhos coloridos que a vaca da namorada dele nunca me oferecia. Grossa. Vem na minha casa e não me oferece os tributos. Quem ela acha que é? Mas isso não importava agora. Só importava a magnificência do meu presente ali, no centro da cama. A plenitude um ser só alcança depois de produzir uma obra-prima como aquela. Dava até vontade de dar uma mordidinha... Mas não. Vou guardar para ele. O filho da puta. O que eu posso fazer é me deitar aqui do ladinho e esperar por ele aqui.

Opa, opa. Barulho na porta.

Corri para a sala como sempre faço. Vamos fingir uma rotina para ele achar que eu sou trouxa e se surpreender mais um pouquinho.

— E aí, carinha? Como é que você tá?

Agachou, me abraçou e acariciou minha orelha bem daquele ladinho que coça. Hmmm, que bom, meu Deus. Ai, para que desse jeito eu não aguento, cara. Não tem ódio que resista.

— Ah, amigão, você vomitou no tapete? E comeu as almofadas? Porra, a Sandra vai me matar. Mas tudo bem, eram feias mesmo. Favor que você me fez. — Soltou aquela risada boa que eu adorava. E a coceirinha na ore-

lha continuava. Mas não, eu não vou virar a barriga para cima. Não vou me subjugar a esse doente — Você deve tá nervoso por causa da cirurgia, né? Não fica não, cara. Vai ficar tudo bem. Você vai ter uma vida mais longa, mais saudável e mais tranquila. O veterinário garantiu.

Mais longa, mais saudável e mais tranquila para quê? Para ficar sem ver a minha alma gêmea no 302? Eu não quero viver nem mais um segundo.

— Olha só, para você não ficar triste, eu comprei aquele biscoito que você gosta. Um saco deles, na verdade. Pode ficar com três. — Jogou no chão e eu comi mais que rápido. Antes que ele percebesse alguma coisa e retirasse a oferta — Porra, tá um cheiro ruim aqui dentro, né? Preciso colocar o lixo para fora. Que preguiça da porra. Olha, Boris, eu ainda vou conseguir te treinar para levar esse lixo para mim. Que nem cachorro de filme leva jornal.

Ah, tá. Vai vendo, vai vendo. Ele se levantou para ir até a cozinha, enquanto eu subia calmamente no meu canto do sofá — obviamente, o único canto intocado da casa — para dormir o sono dos justos.

Aproveitei aqueles três biscoitos como nunca. Afinal, vai demorar um pouco para receber outro mimo desses. Eu tive é muita sorte. Se eu fosse ele, teria dado uma olhadinha na surpresa que deixei lá no quarto antes de me dar esse biscoito.

4.

Caixinha de silêncio

Se eu for contar essa história sem chorar, vai ter que ser em conto de fadas. Primeiro porque contos de fadas deixam tudo menos triste. Depois porque eu sempre quis ser personagem de história assim. O problema é que talvez você não acredite em mim, mas vamos lá. Não te culpo. Parece coisa do outro mundo mesmo. Para vocês verem até onde a imbecilidade humana vai. Enfim, vamos começar.

Era uma vez uma cidade nos anos 80. As pessoas acordavam cantando, passavam as tardes ouvindo música e as noites dançando. A cidade se alimentava de música, vivia a música, não existia sem a música. Não existia dia ruim ali. Todo mundo bem, todo mundo contente.

Menos o desgraçado do Alfredo, que tinha a voz feia e não sabia dançar.

Até aí também nenhum problema: era só deixar o mau humor do Alfredo para lá e pronto. A gente saía para dançar, a gente fazia roda de violão no ponto da tia Berê, a gente fazia luau de madrugada. Tudo às mil maravilhas. Se o pobre do Alfredo tinha a auto-estima baixa e não queria participar, problema dele. Só virou nosso problema quando o burguesinho se tornou filho do prefeito. Aí ferrou. Aí ele deu a volta por cima. Ele sambou na nossa cara. Não, ele não aprendeu a sambar. Ele não dançou nadinha. Mas a gente dançou.

Se o Alfredo não suportava a música — e, mais importante, a música não suportava o Alfredo —, o jeito que ele encontrou foi um só: acabando com a rival. Todo mundo teve de entregar os vinhos. Os toca-discos podiam ficar, presente do desgraçado pra gente encostar como encostava ele no colégio.

Depois foram embora os instrumentos musicais, e aí, como você deve imaginar, foi o fim da roda de violão, do luau e dos showzinhos particulares que a gente promovia para ajudar os amigos com os pretendentes. Por último, fecharam as discotecas. Assim, pá pum. Uma faixa amarela na porta, uns cones pra isolar a casa dos desesperados e é isso aí. Sem cantar de manhã, sem ouvir música à tarde, sem dançar à noite. Aí a gente começou a cantar sem instrumento mesmo, e dançar sem ritmo. O que que virou? O desgraçado criou uma lei para impedir. Multa. Que nem de Fusca, saca? E os pais da gente não querem saber de ver ninguém na cadeia, então proibiu cantar e dançar também. Às vezes, a gente esquece e solta uma nota musical. Uma notinha só, uma só. Você pensa que não tem problema, mas o Alfredo cansou de lidar com transgressores. Boatos que ele vai mandar pra cadeia agora quem inventar essas coisas de música na frente dele.

Resultado: a Donna Summer ali, jogada num canto, acolchoada com os paetês que me faziam arrasar toda sexta-feira na boate dos Nogueira. Guardei a capa do disco só pra lembrar da injustiça. Mas isso não vai ficar barato não. Eu vou recuperar minha música. A nossa música.

Montamos um quartel general para resolver esse problema. É na casa do Ricardo, que mora sozinho desde os 13 e trabalha no açougue da dona Maria. Eu digo que ele mora sozinho não é porque eu queira fazer indecência não, é porque precisa mesmo. Não queremos envolver pessoas inocentes nessa história. As multas só sobem. E ir em cana ninguém quer, né?

Então vamos eu, o Matheus e a Raquel até a casa do Ricardo. Pulamos a gradinha do portão e empurramos a porta aberta. Ele devia ter mais cuidado com a porta, visto que nossa organização é altamente secreta, mas eu acho melhor assim. A campanha da casa dele vive dando defeito mesmo.

Entramos na sala imersa em escuridão; meus olhos, encharcados da luz amarela que o sol derramava na calçada às duas da tarde, demoraram a se acostumar com o breu do quarto mofado do Rick. Ele estava lá no fundo, iluminado por um abajur rasgado, mexendo com as suas ferramentas. Nem tinha ido trabalhar no açougue aquele dia, fingira pra dona Maria que estava doente. Ela, boa velha, acreditou.

Corri os olhos pelas paredes cheias de pôsteres dos Menudos e os dedos pela mesa empoeirada. Catei uns binóculos antigos, pré-proibição, e lacrimejei ao me ver nos paetês. Com aquele sorriso no rosto, eu só podia estar dançando Donna Summer. Limpei os olhos marejados, fiz cara de guerreira e me aproximei do Ricardo, que, imóvel como se fizesse parte da decoração da casa, havia se coberto de pó também.

Ele estava com uma caixinha na mão, e enrolava uma fita preta com uma caneta dentro das bolinhas dessa caixa. Era uma fita de música, ele disse, em segredo. Havia conseguido salvá-la, porque era nova e os comparsas do

Alfredo não conheciam essas tecnologias. Eu também não conhecia, mas balancei a cabeça como se soubesse. O Ricardo devia era ser cientista, viu. Só ele para saber essas coisas.

A fita era do Michael Jackson e fora desenrolada para evitar quaisquer suspeitas. Agora, enrolada ali, ela estava pronta para o combate mais uma vez: mas não dava para colocar para tocar, porque nem o Ricardo nem ninguém na cidade tinha um som que funcionasse. Perguntei para ele o que ele tava pensando em fazer:

— Não sei. Queria fazer uma caixinha, tipo um sonzinho que coubesse no bolso. Mais discreto, sabe? Mas daí não sei como fazer. Do mesmo jeito, não dá para ouvir a música. Nem baixinho. Você tem alguma ideia?

Mas eu nunca tinha sido muito boa com essas coisas de criatividade, então me sentei no sofá-cama do Ricardo e peguei a caixinha forrada de veludo em cima da mesinha de centro. Em meio ao caos, lá estava ela. Girando, girando, girando. Sozinha. A bailarina de braços perfeitamente arqueados. A bailarina de pernas trincadas. Faltava um sapatinho, percebi, enquanto ela ia graciosamente completando sua primeira volta. Talvez o Armandinho, aquela peste que era cria da irmã do Rick, tivesse puxado com força demais. Em algum ponto do caminho, um pedrinha lhe bloqueou o movimento. Mas ela foi, obstinada, sem música, sem nada, a bailarina da caixinha de silêncio. Tinha sido quebrada para evitar qualquer multa. Não é como se o açougue pagasse muito bem. Indo com toda a força de seu motorzinho, a bailarina ia, obstinada em vencer os obstáculos. Empurrei gentilmente o corpo e ela completou a volta. Começou outro looping. Interminável como o tédio daqueles dias.

Fechei a caixinha e coloquei a bailarina para descansar. Coitada, dançar sem música é triste. Aproximei meu ouvido da caixinha e tentei imaginar a música tocando, bem baixinho, presa entre as almofadinhas.

Almofadinhas...

Levantei da cama baixa, que gemeu aquele gemido particular da madeira que se despede da vida útil com uma empolgação sem precedentes:

— Almofadinhas, Rick!

— Quê? Que almofadinhas?

— E se a gente abafar a música com almofadinhas?

Ele não me deu muita atenção. Defeito do Rick, esse aí: tá sempre deixando as minhas ideias de lado.

— O que eu tô dizendo é que se a gente botar mini-travesseirinhos no ouvido, a música fica abafada e ninguém escuta o que a gente tá ouvindo. Daí não tem como o Alfredo reclamar.

— Mas como é que eu vou botar almofadinha no ouvido?

— Sei lá, pega um pouco da espuminha desse colchão aqui — puxei o len-

çol e arranquei um naco de espuma. Enfiei no meu ouvido para demonstrar — E daí a música sai aqui, bem baixinha. Entendeu?

— Entendi, mas não sei fazer. Como vou botar essa música pra tocar na almofadinha?

— Você não tá tentando fazer uma caixinha pra guardar a fita? Pois então faça uma caixa preta, das mais discretas. Uma que caiba no bolso, entende? E daí a gente arruma tipo um fio de telefone pra ligar essa caixinha nas almofadinhas.

Foram três anos, dez meses e cinco dias (algumas horas também, mas eu vacilei e não contei). Foram trinta e nove tilts. Foram muitas lágrimas. Foi muito pó em cima das costas do Ricardo, que eu tentava espanar sempre que possível. Até cobri alguns dias dele no açougue (coitada da dona Maria, capaz que nem me enxergou. Só tive que parar de ir por conta de um boi cortado na transversal, mas isso não vem ao caso). Foram muitas noites de tortura imaginando quantos discos a minha diva teria lançado. Discos que eu não estava dançando. Foram três anos cantando baixinho no chuveiro. Algumas multas e uma quase prisão depois, vi Ricardo emergindo da poeira.

— Acabei.

E dormiu três dias, durante os quais eu me aperfeiçoei com essa maravilha tecnológica.

Uma caixinha preta, discreta, no bolso da minha bermuda. O fiozinho de telefone conectado a uma maravilha de plástico, que segurava almofadinhas cantantes no meu ouvido. E eu ouvi. E eu dancei. E eu cantei aquelas músicas mais vezes do que o Michael Jackson jamais vai conseguir cantar. E eu me vesti com os meus paetês, e eu me abracei à Donna Summer. E eu dancei. Dancei. E eu batizei a caixinha. Homem Dançante. Eu sei, não é bom. Mas não digam que eu não avisei que não sou criativa.

A novidade logo se espalhou pelos quatro cantos da cidade; só se viam as pessoas e suas caixinhas. Ninguém cantava, claro, porque ainda era proibido. Mas já dava para quebrar um galho ouvindo. A caixinha foi melhorando, a música foi ficando mais alta, e os hospitais foram recebendo mais tímpanos estourados, que os médicos remendavam enquanto estouravam os próprios tímpanos. A cidade voltou a viver de música. Chegou em um ponto que só o Alfredo não tinha um. Pensou em proibir, mas os guardas não entenderam a ordem, porque estavam ouvindo música também. Daí desistiu. E voltou ao azedume de sempre.

Você pode até pensar que o Ricardo saiu daquele quartinho escuro, ficou rico e contratou uma faxineira para casa. Mas o caso é que o Homem Dan-

çante foi roubado por um cara qualquer, que pulou a gradinha da casa do Ricardo quando ele estava no açougue. Quase certeza que foi o gringo que estava amigado com a Fernanda, filha do Jacarezinho do bar, porque mudaram o nome para o inglês: Walkman. Daí vendeu a rodo, você já imagina. A galera adora uma maravilha importada. Até hoje o Ricardo quando vê os outros andando com o Walkman na rua fica espumando de raiva. Mas eu rio e digo para ele: fica assim não, Ricardo, que o mérito é seu. E se isso não basta, é só pensar: pelo menos a música não morreu.

5.

Volúpia:
o prazer é todo seu

Aqui na Volúpia, você pode ter certeza que vai encontrar o lugar perfeito para satisfazer todos os seus fetiches! Mas todos, todos mesmo. Máquinas superpotentes, sereias, samurais do século XII e até um pezinho peludo pra você que é mais recatado. Nós somos a maior estrutura do mundo de solução de problemas sexuais. Está duvidando? Então venha conhecer nossa estrutura!

(Roda música havaiana)

Para começar, você pode passar um dia com a gente e resolver todas as suas pendências sexuais de uma vez só! No Volúpia Spa e Resort, são mais de cinquenta salas de encontros presenciais para você se satisfazer de todas as maneiras possíveis! Sabe aquela dor nas costas que não passa nunca? Venha resolvê-la nos nossos quartos de massagem tailandesa, onde nossas amebas alienígenas em formato de enfermeira japonesa vão te deixar leve, leve... E com certeza bastante molhado, se é que você me entende. Temos também telas de voyeurismo, cabines de glory hole com ornitorrincos vorazes e, é claro, salas escuras com ventilação de ferormônio, para dar aquele climinha de suspense antes do esfrega-esfrega — a não ser, é claro, que você escolha um de nossos vagalumes geneticamente modificado depois de passar uma temporada de 27 anos comendo substâncias radioativas em Chernobyl até alcançar os 3,40m de altura, um zumbido de cantor de ópera e um pênis de cavalo. Não dá para perder, né?

(Roda Hey, Soul Sister)

Encontrar a sua metade da laranja assim, cara a cara, é muito bom, e todo mundo sabe disso. Mas e o pessoal mais tímido, faz como? Simples: não faz ainda! Seu coração está palpitando com uma sensação mágica e incrível, mas você foi ensinado pelos seus pais e essa sociedade fria a não desenvolver laços emocionais com ninguém, muito menos criaturas mágicas incríveis? Enquanto enfrenta anos de terapia, então, você pode aproveitar todas as possibilidades incríveis que a nossa seção de sexting no Whatsapp te oferece. Prática e segura, nossa estrutura vai te fazer sentir o fogo de sua cara metade antes de ter de prová-lo e estar pronto para enfrentar todas as maravilhas que só o sexo selvagem pode te oferecer. Corresponda-se com gremlins, anões BDSM e até macacos do leste equatorial da África sem ter que passar por situações embaraçosas e altamente traumáticas como os dois “v”zinhos azuis. Sinta-se tranquilo, amado e excitado aqui com a gente.

(Roda Chariots of fire)

E você, que tem problemas sexuais e está nos assistindo aí de casa, deve estar pensando: poxa vida, mas eu não posso aproveitar nada dessas maravilhas da Volúpia? Claro que pode, querida! Nosso lema aqui é: você pode tudo! Por isso, criamos a linha Volúpia Sex Therapy, onde nossos polvos doutores, vindos direto daqueles filmes japoneses que você adora, mas não adora admitir, estão aqui para te deixar novinha, novinha em folha. Com tentáculos que variam de 1cm de diâmetro até o infinito, venha se tratar com a gente e poder se deliciar o resto da vida com as maravilhas que só a Volúpia tem para te oferecer, de orcs a vagalumes!

(Roda Photograph)

E, por fim, a parte central do negócio: nossa central de vendas, com 100 atendentes disponíveis 24 horas para atender você e todos os seus desejos, do mais recatado ao mais... exótico. Tudo, claro, mediado por profissionais altamente qualificados e especializados em todo e qualquer nicho que você puder imaginar — e, por que não, experimentar. Esta aqui, por exemplo, é a Pâmela, que está com a gente há 35 anos e é chefe do setor de unicórnios e centauros. Esta outra pessoa maravilhosa aqui é a Tânia, que é quem você deve chamar se quiser ter um polvo, uma lula ou qualquer outro tentaculado no conforto da sua casa. Aquele ali, para fechar com chave de ouro, é o Gilson, adestrador e amante de anões tailandeses em todas suas formas e trejeitos.

(Corta a música. Sussurrando)

Vamos acompanhar agora um atendimento real aqui na Volúpia. O nosso amado Gilson vai atender o telefone! A mágica vai acontecer.

— Volúpia, bom dia. Senhora Cleusimar? — Ah, a senhora Cleusimar é uma cliente antiga. Das mais fiéis. Depois que o marido morreu ela começou a ligar sem parar. O pessoal aproveita que é o800... — Como é que estava o polvo da semana passada? A senhora ficou satisfeita? Mas, que ótimo! E o que que vai ser hoje? Uma coisa diferente? Um anão tailandês? Ah, facilmente nós podemos te conseguir um anão tailandês. Sai muito, sai muito, a senhora não se preocupe. Só um minuto: um anão cego? E virgem? Oook, dona Cleusimar, acho que nós podemos encontrar sim. Ah, espera aí, não é só isso? Um anão cego, virgem, que viveu a vida toda em um convento, cercado por jovens esquimós manetas criadoras de codornas? Certamente, dona Cleusimar... não, com certeza a gente arranja sim. Só que a senhora vai ter que pagar o frete. — Coisas que o preço do dólar faz com a gente, né? Acaba diminuindo a qualidade do serviço. — Boa noite, senhora Cleusimar!

(Roda música havaiana)

A Cleusimar foi muito bem atendida, você não acha? Mas tem mais! Mal sabe ela que vai ganhar, de brinde, uma ruiva alemã bissexual com duas vaginas, que consegue cozinhar 137 receitas com esperma de boi — ou búfalo, se a Cleusimar for mais light. É para mudar a vida de qualquer um, hein?

E você aí? Também quer que a sua vida mude? Então ligue o800-6996. Repito: o800-6996. Volúpia: o prazer é todo seu.

A Volúpia não se responsabiliza por eventuais acidentes com anões cegos, virgens e castos, companheiros de esquimós manetas criadoras de codornas.

6.

A moda agora é,
é andar por aí pelado

Pra onde?

— Avenida Armando Carlos Nogueira, 1477, por favor.

— Que endereço é esse mesmo?

— É lá naquele prédio grande, o Colinas di Marinella.

— Ah, ok.

— Eu sou síndico lá.

— Lembrei onde é, lembrei onde é.

— Ai, ai, olha lá, olha lá!

— ...

— Que falta de vergonha.

— ...

— Esses meninos agora deram pra andar pelados por aí. Você que é taxista deve tá vendo muito essa falta de vergonha, né? Eu fico pensando no que que vai virar! Só gente se comendo!

— Eu acho que eles só querem poder andar por aí tranquilos, na realm senhor. Nada demais.

— Nada demais?? Isso, na minha época... Quantos anos você tem, hein?

— Vinte e seis.

— Tá explicado, então. Você é dessa geração de baderneiros. Eu já disse que lá no prédio não entra esse tipo de gente.

— Por que não? Que que tem?

— Que que tem, rapaz? Que que tem que é um absurdo! É passar dos limites! Eu venho de uma época diferente, né? Você acredita que, na minha época, gay não podia nem ser gay?

— Credo. Tá louco. E qual que é a época do senhor?

— Eu nasci na década de 90. Finzinho. Sou um jovem dos anos 2010.

— Ah, tá. E as pessoas faziam o que nessa época? Era tipo uma Idade Média?

— Era quase, viu? Batiam em homossexual na rua, xingavam o pessoal que tava ali tranquilo fumando uma maconha... Até matar os outros porque achavam que era bruxa matavam, acredita?

— Não, não acredito. E com tudo isso aí o senhor tem coragem de dizer que antes era melhor?

— Não tô dizendo isso. Mas já pensou se os meus filhos veem esse pessoal aí?

— Ver dois homens se beijando na rua fez seu filho ser homossexual?

— Não, né? Óbvio que não. Que coisa horrível, de gente preconceituosa.

— E o seu filho fuma maconha só porque tem no supermercado?

— O que que você tá querendo dizer com essa conversinha, hein? Você me respeite que eu sou pelo menos trinta anos mais velho que você!

— Eu tô querendo dizer que não vai acontecer merda nenhuma com ninguém se quem quiser andar pelado na rua andar pelado na rua.

— Não é certo, moleque. Você não entende, é muito jovenzinho ainda. Todo jovenzinho é assim, meio militante, meio esquerdinha.

— Sei lá, acho que é tudo questão de saber no que você quer crer, né? Por que seria certo andar vestido na rua?

— Por que é que moleque faz tanta pergunta, hein?

— Por que não faria?

— Tô cansado de conversar. Só me leva pra droga do prédio, que eu tenho um monte de questão do condomínio pra resolver.

— OK.

— ...

— ...

— As minhas causas eram tão...

— O senhor não disse que não queria conversar?

— Tão melhores! Se o mundo é desse jeito hoje em dia, é porque a gente resolveu um monte de coisa.

— ...

— E daí vocês não tem mais pelo que lutar. Deve ser isso. Para ter virado essa palhaçada.

— ...

— Deus me livre ver os outros pelados na rua. Meu coração de velho não aguenta essas coisas.

— Você nunca viu uma pessoa pelada?

— Claro que eu já vi, babaca. Mas dentro de quatro paredes, do jeito que

tem que ser. Dentro de casa você pode fazer o que quiser, a casa é sua. Mas não venha me obrigar a aceitar uma coisa dessas. Você já pensou na barbáridade que isso vai virar? Aí sim a gente volta pro século XX.

— Você já pensou se crença e ignorância fossem hereditários? Aí sim a gente voltaria pro século XX.

— Você é abusado, né? Queria ver se fosse na minha época.

— O quê? Você ia me bater na rua?

— Eu não, que sempre fui de respeitar...

— Hm.

— Mas tem coisa que não dá, né? Cada coisa imbecil.

— E quem é que decide o que que é imbecil ou não?

— Pelo visto você é um desses que gosta dessa falta de vergonha, né? Até um taxista, puta que o pariu. Cuidado para não levar um tiro por aí.

— ...

— Andar por aí pelado é pedir.

— Pedir o quê?

— Para levar um tiro.

— O senhor tem uma arma aí?

— Não, por quê?

— Porque o senhor vai ter que arrumar uma.

— O quê? Espera... Por que que você tá parando o carro? É ali na próxima esquina. Ei, o que que é isso? Bota essa calça de volta, filho da puta! Bota! Eu vou te matar!

— E aí? Já tá com vontade de tirar a roupa? Grava, mostra pro seu filho! Quem sabe ele não fica com vontade também?

— Guarda isso, porra! Eu não quero ver suas bolas!

— Mas eu quero te mostrar! Agora, me dá um tiro, cacete! Quero ver agora, porra!

— Para! Para! Eu vou descer aqui! Eu sou síndico daquele condomínio ali! Eu mando nessa rua! Ah, se você passar por aqui de novo... Pego minha treze e te arrevento essas bolas.

— São quatorze reais, senhor.

7.

Prato principal

Quando Bernardo ouviu os guinchos de agonia vindos da cozinha, seu coração entrou em pane e ele tentou não se deixar vencer pela impotência de seu desespero. Suas pernas agora caminhavam pelo longo corredor de concreto da área de lazer, enquanto ele tentava se segurar a qualquer coisa que evitasse que aquilo acontecesse de novo. Agarrou-se à grade que protegia a janela do escritório, fincou os pés em algum ponto seguro do concreto. Nada. As pernas se arrastavam e o guincho só crescia. Mas ele já sabia.

Ali, à porta da cozinha, com o coração martelando sangue nos ouvidos, elas finalmente parariam. Ele olhou para a mãe equilibrando a pior notícia de sua vida no barrigão de sete meses apoiado na pia. Olhou para o fundo do corredor e viu a avó sentada na cadeira de balanço, lá na frente. Parecia quieta. Quieta demais. Talvez estivesse morta, mas ele não queria parar de olhar. Não queria olhar para o pai.

Mas ele sabia que seu pescoço se torceria involuntariamente, e a dor de antecipar isso era quase física, um soco em algum ponto longínquo do estômago. Seu pai estava sentado calmamente de frente à mesa da cozinha, lendo aquela mesma revista que havia comprado há três semanas e não tinha conseguido terminar. Ao seu lado, a fonte dos gritos. Bernardo arfou e tentou se afastar. O pai se levantou e seus olhos eram vermelhos. Estendeu os braços para abraçar o menino. Não. Não. Sai de perto de mim! Ele gritou. Mas o pai lhe forçou a tomar sua mão e o levou até lá. A mãe não o ouvia gritar. Cantava para o outro. A vó estava lá. Será que estava viva? Eles

foram se aproximando da mesa, e os guinchos eram insuportáveis. Ele não conseguia correr.

Uma leitoa enorme estava deitada de quatro na mesa, com duas azeitonas fincadas nos olhos. A cabeça completamente carbonizada. Guinchava e chorava. Chorava sangue, que o pai continha com um dos dedos e levava à boca para saborear. A maçã na boca a impedia de gritar tão alto. O pai arrancou uma orelha e Bernardo ouviu o bicho arfar de dor. Ou seria ele mesmo?

— Você quer saber como ela ficou assim, filho?

— Não, não quero!

— Mas é importante para você. Olha, aqui ficavam os olhos dela. — puxou a azeitona, espetada com um palito e os olhos disformes escorreram pela carcaça da cabeça — A maçã é para ela ficar quietinha. Sabe, a gente bota no forno viva ainda. Viva é mais gostoso.

Mas por quê? Por que inteira? Por que viva? Bernardo se ouviu perguntar. E o pai parecia alto demais. Distante demais.

— Porque ela tá pronta para ser comida. — e jogou a azeitona regada a sangue na boca. — E não dá para escapar.

O pai puxou o olho da leitoa fora e foi empurrando para a boca de Bernardo. Ele tentou correr para a porta, mas estava trancada por fora. Pediu à mãe que o ajudasse, mas ela não queria mais saber dele. De ninguém. Só do outro. Prensado contra a porta, sentiu aquele gosto horrendo enquanto ouvia o pai gargalhar.

Acordou gritando mais alto que o despertador. Eram seis horas.

Vomitou outra vez do lado da cama. A babá ficaria furiosa. Levantou-se, meio tonto, vestiu o uniforme e escovou os dentes três vezes para tirar o gosto azedo da boca. O gosto dos o... Melhor parar de pensar nisso. Saiu do quarto cambaleando de sono e de medo. A casa, como sempre, vazia.

Encontrou à sua espera na cozinha apenas um naco de pão e uma caneca de leite fria. Olhou dentro do pão e analisou o padrão com que o requeijão fora passado para descobrir com quem deveria se agradecer pelo carinho: pai ou mãe. Pela rapidez e o descontrole, certamente o pai. Agradeceria mais tarde, se desse.

Pegou a mochila, que deixava sempre do lado da porta da sala de estar e saiu em direção à escola. Fazia frio e ele se esquecera de pegar um casaco. Olhou para cima e procurou por indícios de chuva. Menos mau. Depois do ritual, se preparou para cruzar os cinco quarteirões que o separavam da escola. Olhou para a casa de Caio e sentiu falta de sua companhia pela milésima vez. Seguiu.

Encontrou o amigo conversando com outros garotos da escola. Garo-

tos de verdade. Depois que começou a frequentar academias, festas e tudo mais que garotos sociáveis fazem, Caio havia se tornado um homem, e andava com homens na escola. Nada de videogame depois da aula, nada de brincar de bexigas d'água na piscina. Bernardo tentou cumprimentá-lo, mas ele não viu.

Ou fingiu não ver?

Entrou na sala de aula sozinho, passou sozinho as primeiras aulas e desceu sozinho ao recreio, tentando não ser atropelado pelas crianças que desciam correndo para chegar primeiro à fila do lanche. Sentou-se em um banco qualquer e respondeu com um aceno à piscadela de uma prima sua, do nono ano, que incrivelmente parecia gostar de visitá-lo.

Nesse momento, sentiu o punho forte de Caio lhe socando o ombro. Aquela era a primeira vez em 17 dias que conversavam. Será que finalmente voltariam a ser amigos?

— Fala, cara. Como é que cê tá? — Bernardo tentou responder, mas Caio o interrompeu — Escuta só, preciso te pedir uma coisa. Aquela gostosa lá na frente, aquela ali — Apontou — é sua prima, né? — Bernardo assentiu — Ela cresceu, né? Olha essas pernas, velho!

Caio fez uma pausa, que Bernardo não soube preencher.

— Você podia me ajudar, né, cara? A pegar ela. Marcar uma jantinha pra gente na sua casa. Porque desse jeito aí — e fez um movimento com a cabeça, a apontando de cima a baixo — é até pecado. Ela tá prontinha pra ser comida.

Caio bagunçou os cabelos de Bernardo e esperou que ele fizesse que sim com a cabeça antes de se afastar e retomar a empolgante conversa que travava com seus amigos. Bernardo deu um jeito de escapar do campo de visão do fiscal e da escola, o que não era tão difícil, visto que ele praticamente cochilava no banco do lado da lanchonete. Silenciosamente, esgueirou o corpo magro pela fresta do portão semiaberto e correu para casa para planejar o grande dia em que voltaria a ser amigo de Caio.

Chegou em casa e abriu a porta com estrondo, sabendo que os pais não estariam ali. O lugar perfeito para seu amigo ficar com a garota que amava. Correu para o quarto, mas o vômito no chão ainda não estava limpo. Pegou um maço de folhas de papel e correu para a sala. Rascunhou sua ideia principal.

O plano brilhante foi interrompido pelo toque da campainha. Roberta, a babá, cruzou rapidamente a distância entre a área de serviço e a sala de estar para receber o namorado Fred. Cumprimentaram-se com o excesso de saliva de sempre e, quando terminaram, Fred acariciou a cabeça de Bernardo.

— E a escola, campeão?

— É verdade, né? Por que que você não tá na escola, sua desgraçinha?
— Uma professora faltou e...
— Aham, sei. — Roberta interrompeu — Então vai pro seu quarto, moleque.
— Meu quarto tá vomitado. Fiquem lá de fora se vocês quiserem.
— De novo, imbecil? Puta que o pariu, tá na hora de crescer já, né? Vamo lá fora então, amor. E você não sai daí, Bernardo. Não quero te ver espian-do.

Ele dá de ombros. Como se espiar aquilo o interessasse. Depois da centésima vez perde a graça. Os dois namorados se afastaram e Bernardo contou os minutos para que os guinchos comessem. 5, 4, 3, 2, 1... E o primeiro gemido no cômodo ao lado, provavelmente sobre a bancada da cozinha. Pelo barulho, parecia doer bastante. Era como um guincho de um porco no forno. Era aquilo que Caio queria fazer com a prima Vivian? Não, não podia ser. Dor para quê? Mas também, como evitar? Seu pai o havia ensinado: ela grita porque está viva. E a hora dela chegou. Ela tá pronta para ser comida.

Era isso.

Pegou o telefone, e discou o número da casa de Vivian. Disse que estava chamando uns amigos para jantar e seu pai pedira muito que ela viesse. Se preciso, ele fazia questão de buscá-la em casa. Ela parecia estar em um bom dia, e não hesitou em dizer que ia “para comer uma daquelas pizzas maravilhosas da tia Jane”. Bernardo desligou o telefone e continuou a rabis-car as folhas de papel, fingindo distração enquanto Roberta não termi-nava o serviço na cozinha. Em determinado ponto, o porco guinchou alto e a leitoa se acalmou. Os respectivos zíperes se fecharam. Bernardo contou os minutos para que ela cruzasse a sala e avisasse que ia sair com Fred e que não era para ele aprontar. Assim foi.

Ele trancou a porta assim que os dois saíram e botou o enorme forno à lenha da cozinha externa para esquentar. À noite, a casa se transformava em uma pizzaria. Para os outros era ótimo, para ele uma grande merda. Tomou um banho minucioso, colocou uma de suas roupas mais bonitas e ligou para Caio. Avisou que a janta estava de pé, e ele tinha pensado em uma maneira ótima para que ele comesse Vivian pelo tempo que precisas-se. Seus olhos brilharam quando ouviu o melhor amigo agradecer e dizer que apareceria por lá às seis. Ele foi até a cozinha e começou o plano: qua-tro comprimidos amassados em meia taça de vinho, que o pai tinha deixa-do aberto na geladeira há alguns dias. Ajeitou as maçãs que estavam sobre a mesa. Vivian chegaria às quatro.

Bateu os pés no assoalho 589 vezes antes de a campainha tocar. Cumprimentou a prima com um abraço. Ela o elogiou pelas roupas e ele retribuiu, tentando enxergar o desejo de Caio através dos seios da Vivian. Pediu para

que se sentasse e ligou a TV. Comentou sobre como Caio a achava bonita e ela fez uma cara de “não fede nem cheira”. “Eu estou começando a namorar, na real. O Henrique. Você conhece?” “Conheço sim! Parece um ótimo rapaz! Meu pai abriu um vinho e deixou na geladeira. Você quer um pouco?” Ela pareceu empolgada com o cheiro de álcool no ar. Ele começou a receita.

Dali vinte minutos sua voz se enroscou e ele a viu desmoronar no sofá. Primeiro passo: check! Ele sorria como bobo enquanto pensava se era me-lhor com o vestido ou sem. Hmm, melhor sem. Tirou as roupas da menina e se lembrou quando brincavam de médico. Perguntou-se há quanto tempo ela já teria deixado Henrique ser o doutor.

Lavou a maçã mais vermelha e, quando sentiu o cheiro da lenha quei-mando com gosto, tirou o pote de azeitonas em conserva da geladeira. Ex-perimentou uma. Hm, muito bom. Estendeu Vivian em cima da mesa e lhe ofereceu a maçã:

— Você aceita, priminha? Vamos, não fique com vergonha. Pode comer. Sua casa é a minha casa. E dizem que comer é bom pra quem bebe muito. Eu não sei: já tô acostumado.

Enfiou com toda a força a maçã na boca da prima, até ouvir um som de ossos partidos. Afinal, não queria que ela gritasse. Gostava dela, até. Até mais do que gostava de porcos.

A pior parte com certeza foi enfiar as azeitonas nos olhos. Parecia mais fácil em seus sonhos, quando o pai espetava o globo ocular como quem pega um petisco em uma tábua de frios. No momento em que finalmente conseguiu, o corpo da menina se agitou. Bernardo viu que era hora de agir. Espetou o outro olho com força e colocou desajeitadamente o corpo sobre a chapa de pizza.

Agora era esperar tostar e servir.

Duas horas depois, quando Caio chegou, um cheiro estranho de cabelo queimado, misturado a carne assada, empestava a área de serviço. Caio perguntou onde estava Vivian, e Bernardo disse que já estava pronta. Pediu que o amigo fechasse os olhos.

— Sente esse cheiro, cara. Isso é que é comida de verdade.

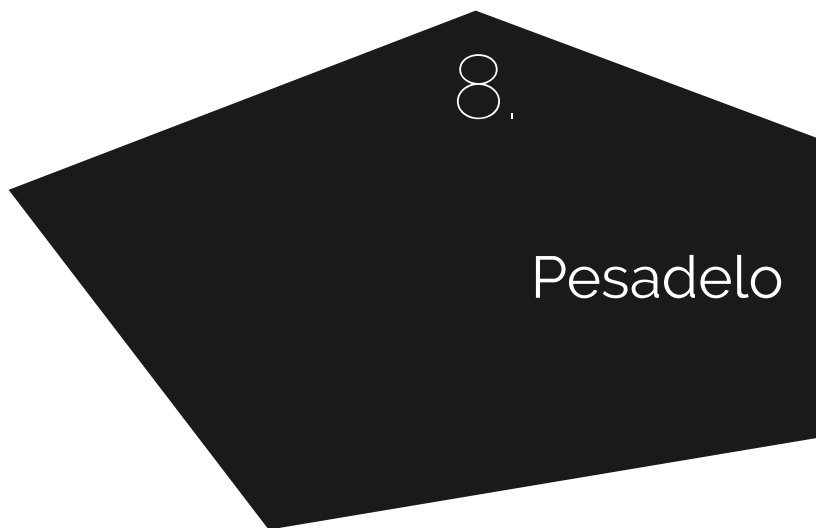
Ele se viu novamente arrastado por suas pernas naquele corredor que separava a casa do grande forno. O sentido era o contrário. O sentimento era de exultação. Não era um sonho. Era tudo diferente. E ele finalmente ia reconquistar seu amigo e tudo que era seu.

Sua obra prima estava dentro da maior travessa da casa, nua e comple-tamente inerte. A maçã na boca. As azeitonas nos olhos. Os seios despon-

tavam no corpo moreno, mas Caio não quis se aproximar. Os olhos arregalados. As pernas que não respondiam. Mudo. Mudo. Por que você está tão calado, cara? Vamos conversar sobre peitos, academia e mulher. Você não queria comer? Tá aí! Come! Eu sou o melhor amigo que alguém poderia ter, né?

Caio quis correr e não conseguiu. Tentou vomitar e não conseguiu. Entre os dentes de Vivian, uma maçã rachada. E agora era ele que não conseguia gritar. Olhou para Bernardo, que desarrumou os cabelos e riu.

— Sabe o que é mais engraçado? O truque da maçã não deu certo.



Gustavo acordou no meio da noite com três batidas tímidas na porta e um pedido sonolento.

— Papai, posso entrar? Eu tive um pesadelo!

Uma e quarenta e um. Que droga. E ele pensando que a época de acordar de madrugada tinha passado. Ilusão.

Abriu a porta do quarto e recebeu o filho com um beijo na testa. Tomou o frágil corpinho de seis anos de idade nos braços e deixou a porta encostada. Que estranho. Cheiro de pneu queimado. De certo era coisa daqueles vizinhos malucos. Colocou o pequeno Rafael entre ele e a esposa, que se mantinha imóvel apesar dos chamados do filho. Puxou o cobertor para cima, virou a tela luminosa do relógio para o lado da parede e se preparou para dormir, quando ouviu novos resmungos do filho:

— Papai, me abraça? Eu tô com frio e com medo. No meu sonho, eu tava...

— Agora não, Rafa, o papai quer dormir. Entra debaixo do cobertor e amanhã a gente conversa.

O filho ficou calado, com ar contrariado. Minutos depois, sentiu o corpo de Rafael ressonando muito mais tranquilo do que em qualquer outro episódio de pesadelo.

Gustavo acordou vinte minutos depois, com um ruído persistente ao pé do ouvido.

Tec. Tec. Tec.

Devia ser a madeira da cama, rangendo com o peso dos três. Tec. Tec. Tec. Aquele estalo familiar que ele não sabia descrever. Engraçado, agora a cama nem parecia tão apertada. E o estalo continuava. O quarto também

parecia mais claro. E mais quente. Estranhamente quente.

Abriu os olhos. Rafa?

No canto oposto do cômodo, Rafael estava sentado riscando fósforos e aticando uma chama no tapete do quarto. Tec, tec, tec. Ele trazia as mãos cada vez mais perto do fogo. Tec, tec, tec. E os olhos brilhavam.

Quis ir em direção ao filho, mas o fogo já consumia a barra da camisola da mulher. Tentou acordá-la, mas ela estava mergulhada em um sono profundo demais. O fogo já se alastrara para os lençóis. Tinham que sair dali.

Jogou os lençóis para longe da cama e tentou abafar o fogo. Não deu. O filho já estava cercado pelas chamas. A mulher não acordava. Ele quis gritar. Não conseguiu. O filho começou a jogar fósforos em sua direção. O fogo veio. Ele olhou para o lado e pensou se deveria carregar a mulher. Não conseguiria. Iriam morrer os dois. A fumaça começou a se alastrar. A casa toda ardia em chamas. Ele se encolheu no canto do quarto e tremeu diante do sorriso do filho, que observava a mãe silenciosamente se deixar consumir pelas chamas.

— Olha só, papai! Agora eu tô quentinho — disse enquanto colocava as mãos perto das chamas — O cobertor não resolveu. Agora que você acordou, posso te contar meu sonho?

O fogo começou a subir por suas pernas. Caiu inerte no chão, sufocado com a fumaça e a impotência dos próprios gritos.

Acordou sem ar. Esfregou os olhos, sem acreditar que a casa não queimava. Colocou a mão sobre a esposa, para se certificar de que estava tudo bem. Ela ressonava tranquila. Só um sonho. Porra.

Checou o horário que piscava no relógio da mesa de cabeceira. Uma e quarenta. Deitou-se na cama e tentou forçar que o sono viesse. De repente, três batidas na porta. Um pedido sonolento:

— Papai, posso entrar? Eu tive um pesadelo!

9.

A valsa que não era dela

Seus olhos se encontraram pela primeira vez há muito, muito tempo, em lados opostos do salão. Quando abriu os olhos pela primeira vez, ele foi a primeira coisa que viu. Sua primeira lembrança. Lembrava-se do choro quente da mãe, escorrendo de um rosto para o outro, a sensação de cócega passeando pela bochecha. E ele lá. Não se lembrava muito bem de seu rosto, que pouco vira em meio às lágrimas enjoadas que teimavam em cair de seus olhos depois da palmada do médico. Mas se lembra de seu rosto ainda menina, recostado à sacada, acariciado pelo ar gélido da noite. Tão gracioso em seu terno escuro, a gravata de seda preta meticulosamente alinhada ao centro do peito. Ele a olhava, fixamente. Ele a chamava. Aqueles olhos negros, profundos, fundos, que iam dentro da alma. E ela ia saltitando, arrastando seu longo vestido vermelho de gala pela festa interminável em que estivera mergulhada desde sempre. Ele a esperava com alegria sincera. Aqueles olhos que pediam um aperto de mão, um abraço. Aquele braço estendido. Aquele braço carinhosamente estendido a festa inteira. E ela estendia o braço para ele.

Mas sempre que se aproximavam demais, um gesto protetor da mãe os separava. Ou a força do pai. Os amiguinhos da escola a puxavam pelo braço com convites irrecusáveis para brincar, suas roupas coloridas cintilando alegremente pelo suntuoso salão, em contraste com aquele terno preto, triste, fúnebre. Então ela não ia. Nunca chegava até ele.

Ele ali. paciente, paciente, sabendo que sua hora ia chegar.

Um dia ela cresceu. Adquiriu formas de mulher, e o vestido vermelho que antes arrancava risinhos e gracejos dos adultos agora fazia os garo-

tos suspirarem. Pelos cantos do salão, adolescentes espinhentos ajeitavam cuidadosamente suas gravatas para chamá-la para dançar. Ela, na impetuosidade de seus quinze anos, recusava todos. Nenhum era belo o bastante. Só seu cavalheiro de terno preto, que ainda estava lá, com aquele terno graciosamente ajustado e os braços ainda estendidos. E ela continuava caminhando até ele, atravessando o salão a passos lentos, lentos, fascinada por aqueles olhos negros e aqueles lábios, que numa inflexão quase involuntária, pronunciavam seu nome. Ele chamava... E ela ia.

O pai proibiu. Só os maus vão até ele tão cedo. Não é hora, minha filha. Não se afobe. Por toda a sua vida, aqueles olhos negros vão te acompanhar. Aquele rosto enigmático, aquele terno fúnebre. Para sempre ele vai chamar seu nome. Mas esqueça-o. Você não pode ir com ele agora. Você tem que ficar aqui.

Ela ficou. Fazia tudo pelo pai. A mãe, já um pouco à frente na caminhada, estendeu-lhe a mão e reforçou o pedido. Não vá com ele. Olhe como ele é feio. Esse rosto enigmático, esses olhos horrendos, que parecem perscrutar a alma. Não vá com ele. Dê um passo para trás.

Ela deu. Fazia tudo pela mãe. Mas o fascínio não passava. Aqueles olhos a atraíam. Seria um amor proibido, como aqueles dos filmes? Os pais não quiseram saber. Os conselhos viraram palavras de ódio. Incitações ao horror. Não olhe aqueles olhos, não se perca. Ele é horrendo, é mau, quer que você se perca. Não olhe mais para ele. Distraia-se com essa festa maravilhosa, feita só para você!

Ela se distraiu. Começou a temer seu cavalheiro. Se tudo que falavam sobre ele fosse verdade, então certamente era muito mau. Não deveria se aproximar dele e daqueles olhos implacáveis, perscrutadores. Ele a incomodava, aqueles braços estendidos, aquela insistência. Ela julgava conhecê-lo, mas pelo visto não conhecia. Tantos anos, tantos quase abraços e agora aquilo. Aquele incômodo constante.

As luzes da festa a distraíram. Os garotos a interessaram. Ela se deixou tomar para dançar. Apaixonou-se perdidamente pelo primeiro e dançou por três meses antes de ele a trocar por outra. Quis voltar os olhos ao cavalheiro. Mas a sacada agora estava fechada e o rosto dele, oscilando por trás das cortinas, agora a assustava. Mais misterioso ainda, mais horrendo ainda.

Ela foi passando, de braço em braço. Ela riu, chorou, dançou. Foi esquecida no canto do salão e foi a rainha da festa. Foram muitos garotos. Uns ela dispensou por pisarem em seu pé. Outros, por pegarem no seu pé. Outro fugiu com sua melhor amiga. Ela aprendeu a beber e exercitou o choro. Ao seu lado, a mão firme da mãe se oferecia para enxugar as lágrimas. O pai oferecia os punhos, irritado. E era com os mesmos punhos que recebia os

eventuais amores da vida da filha. Cabeludo demais, espinhento demais, eu não te criei para isso. Não servia nenhum. A mãe se encantava só com os mais bonitos. E ela ia, persistente, de valsa em valsa. Em busca do verdadeiro parceiro.

Em algum ponto confuso, deixou o rosto juvenil de lado e adquiriu contornos ainda mais esguios. Os agora homens de sua vida suspiravam entre uma valsa e outra. As luzes da festa se intensificaram, e ela abandonou o lado dos pais para procurar seu próprio canto do salão. Livre, livre. Livre daquela proteção exagerada, das recusas do pai e das escolhas da mãe. Livre, livre. Largou os livros, pesados sobre os braços, pegou régua e esquadro e se preparou para viver a plenitude do baile. Em um canto só seu, de uma festa só sua. Só sua?

Então por que todos se divertiam, menos ela?

E foi aí que percebeu que as cores da festa não eram tão vibrantes assim. Que os rapazes não sabiam dançar. Ou eram seus pés que se moviam fora do ritmo? Percebeu que não tinha que ouvir todo mundo, mas que não sabia o que fazer na festa sem alguém que a conduzisse. A música não era tão boa assim, o vestido era desconfortável e os sapatos a apertavam. O salão era muito longo e as pessoas empilhadas nos cantos não eram tão incríveis assim.

Então ela decidiu que era melhor parar de dançar.

Tantos anos depois daqueles primeiros convites, ela voltou a olhar para ele. Procurou nos olhos dele a resposta. Encontrou braços estendidos. O abraço quente, o rosto confortavelmente apoiado no ombro. Um beijo, talvez. Um beijo no dono daqueles olhos. Profundos. Fundos. Ela queria fechar os olhos do mesmo jeito que abriu: perto dele.

Então apressou o passo. Tirou os saltos, puxou a barra do vestido. E correu. Foi na direção dele. Os pais tentaram impedi-la. Os garotos tentaram puxá-la de volta. As supostas amigas correram para abraçá-la. Supostas. Abraçá-la. Pena que agora ela só queria abraçá-lo.

Ofereceram pílulas de paz, gotas de calmária, ofereceram álcool. Ofereceram uma festa maior. Mais regalias. Mudaram a música para um ritmo mais calmo. Talvez estivesse cansada. Mas ela não acertou o ritmo. De novo. Sempre. Aquela festa não era sua.

Ela correu, correu, correu. Ignorou os pedidos. Ignorou qualquer súplica. Porque sim, agora ela estava convencida: ele não era nada daquilo. Ele era bom. Ele a chamava pelo nome. Ele a queria do seu lado. Venha, venha. Não era cedo demais, não era rápido demais. É que o tempo dela tinha chegado.

Ele sorriu quando a viu abrindo a porta da sacada. Trinta e quatro anos. Trinta e quatro anos, mas sua hora finalmente tinha chegado. O braço estava estendido.

Ela olhou para ele e os olhos entraram em sua alma. Ela não precisou falar; ele sabia. Ele esteve lá o tempo todo, desde que ela abriu os olhos naquela madrugada gelada de agosto. Ele viu tudo. O tapa do médico, os primeiros passos pelo salão, o deslumbramento com a festa. Ele conheceu cada garoto, soube de cada fofoca, chorou por cada lágrima. Ela não precisava contar das pílulas, das luzes e dos pés que não seguiam o ritmo. Ele já sabia. Mas ela ficou com medo mesmo assim.

Ele estendeu o braço e ela não quis segurá-lo. Ele sorriu e ela tremeu. Ele a fitou como se a atravessasse e ela desviou o olhar. Não queria ver, não queria sentir. Tinha medo. Então ele pegou um pano branco e tapou o rosto dela. Ela não precisava ver nada. E o que ela não visse, ele não queria ver também.

Ele a enlaçou e ela se deixou enlaçar. Então ela sentiu o rosto dele se aproximando, aquele calor se juntando ao calor de seu rosto. Tentou se afastar, tentou voltar para as mãos quentes da mãe e a proteção do pai. Tentou voltar ao calor do beijo dos garotos. Tentou voltar para qualquer coisa que estivesse lá atrás. Mas se lembrou que a festa não era dela. Que os pés não respondiam. Perdeu forças. Quis voltar. Mas não quis. Mas não deu. Beijaram-se, vendados, horrorizados, velhos conhecidos desconhecidos. Ele deu um passo para o lado. Ela foi junto. Afundaram no abismo inadiável.

Morreu às 17 horas de um dia ensolarado de julho, diante de trinta seres assombrados.

Baseado na obra “Os amantes”, de René Magritte

11.

De amor
e sonhos

INT.— EMBAIXADA DE K94 NO PLANETA TERRA, NO CENTRO DE UMA CIDADE MOVIMENTADA — MANHÃ

Sentado em uma cadeira plástica desconfortável em uma sala de espera, NICOLAS, de 23 anos, balança as pernas convulsivamente. Parece muito ansioso. Seus olhos passeiam pelo cômodo absolutamente vazio. Depois de algum tempo de espera, surge o CHEFE DA EMBAIXADA de K94 na Terra e o extraterrestre KROMER, ambos com a pele rachada e esfarelada, com fendas avermelhadas como feridas profundas. Nicolas se remexe na cadeira antes de se levantar como quem bate continência. O chefe da embaixada dá um sorriso desdenhoso.

CHEFE DA EMBAIXADA

Você é o jovem que a universidade prometeu mandar?

NICOLAS

Sou sim, senhor. Fui enviado pelo chefe do departamento de letras e tradução

CHEFE DA EMBAIXADA

E você está estudando a língua de K94 desde quando?

NICOLAS

Desde o início da graduação, senhor. Sempre me interessei.

CHEFE DA EMBAIXADA

Ótimo. Vocês vão se dar bem então. Esse é KROMER, o linguista de K94 que começou a construir no ano passado um dicionário sobre todas as línguas faladas na Terra.

NICOLAS

(tentando não aparentar surpresa, mas aparentando)

Todas, senhor? Ele com certeza vai ter bastante trabalho pela frente, então.

KROMER

(impassível)

Só me falta um verbete.

NICOLAS

(agora sem esconder a surpresa)

Em um ano?

KROMER

Nada mais lógico. O departamento de linguística tem pressa.

NICOLAS

E qual é o verbete que falta, senhor?

KROMER

Amor.

Nicolas olha para Kromer desconcertado. Olha para baixo e troca o peso das pernas, pensando no que vai responder

NICOLAS

Eu não sei se posso te ajudar a definir essa palavra. Ninguém no seu planeta, ahn...

Chefe da embaixada

KROMER pesquisou em todos os lugares possíveis. Contatou todas as fontes possíveis. Mas chegamos à conclusão que o amor é uma criação humana.

KROMER

Você não conhece ninguém que sinta isso?

Nicolas reflete alguns segundos antes de sua expressão se iluminar e ele se aproximar de Kromer, com a intenção de tomá-lo pelo braço

NICOLAS (empolgado)

Conheço! Acabei de me lembrar! Você pode vir comigo? Tenho um casal de amigos que com certeza vai poder te ajudar.

Kromer assente com a cabeça e se deixa ser conduzido por Nicolas para fora da embaixada.

EXT. — HORÁRIO DO ALMOÇO

Nicolas e Kromer caminham rapidamente pela rua, em direção à universidade, que é a poucos metros dali.

NICOLAS

Eu tenho certeza que o João e a Marina vão poder te ajudar.

KROMER

O que são eles?

NICOLAS

(rindo da maneira que KROMER perguntou)
São estudantes de tradução, que nem eu. São um casal.

KROMER

Se eles sabem o que é amor, por que você veio, e não eles?

NICOLAS

(desconcertado)

Porque... Eles não precisam de disciplinas optativas.

KROMER

O que é isso?

NICOLAS

O quê? Optativas?

KROMER

Não. Disciplinas.

NICOLAS

Ah, tá. É, tipo, gramática, estudos em inglês, espanhol, essas coisas. Vocês não têm isso lá?

KROMER

Não. Percebemos há duzentos anos que aulas isoladas não transmitem conhecimento.

NICOLAS (sem jeito)

Ah... Bom, talvez daqui duzentos anos nós percebamos isso.

Os dois caminham em silêncio. Nicolas está claramente constrangido com a superioridade impassível de Kromer. Com alguns minutos de caminhada, chegam à entrada do centro de letras e tradução da universidade.

EXT. — ENTRADA DO CENTRO DE LETRAS E TRADUÇÃO — HORÁRIO DA MANHÃ

Nicolas e Kromer chegam à entrada do centro de letras e tradução, cheio

de pessoas sentadas nos bancos e na grama ouvindo música, comendo, lendo um livro ou tirando uma soneca antes da aula.

Nicolas pede que Kromer se sente em um banco e entra dentro do prédio. Algum tempo depois, sai ao lado de um casal, JOÃO e MARINA, que andam de mãos dadas e param a cada dois passos para se beijar.

JOÃO

(um pouco desconcertado com o rosto de KROMER)

Oi.

MARINA

Prazer, senhor.

KROMER

(ignorando o cumprimento)

O que é amor?

NICOLAS

Eu disse para ele que vocês são as pessoas mais apaixonadas da vida, então poderiam ajudar no verbete.

JOÃO

(ainda mais desconcertado)

Amor? Ahn... Amor é... Me ajuda, Má.

MARINA

Amor é querer ficar sempre perto do outro! Amor é tudo que você precisa na vida!

KROMER

Tudo? E água e comida?

MARINA

Não. Tudo que você precisa sentir.

KROMER

Então quem ama não sente dor?

MARINA

(rindo da ignorância de KROMER)

Não. Na verdade, sente. Mas só quanto tá com saudade.

KROMER

O quê? Saudade de quê?

JOÃO (tentando emendar)

De quando a gente se despede no fim do dia e vai cada um para a sua casa.

KROMER

E vocês não se veem mais?

JOÃO

Naquele dia não.

MARINA

A não ser quando a gente dorme junto, né, amor?

Marina fica na ponta dos pés e dá um beijo de leve em João. Ele responde com um carinho e um gracejo.

JOÃO

É! Aí não tem saudade.

KROMER

Só amor?

JOÃO

Só amor.

KROMER

Então por que vocês não dormem juntos todo dia?

MARINA

(levemente desconcertada, rindo amarelo e olhando para João)
Porque aí às vezes tem briga. Cada um tem que ter seu espaço.

KROMER

Mas vocês disseram que amar é querer ficar junto o tempo inteiro!

JOÃO

(rindo amarelo)

Mas é... Maneira de se dizer.

MARINA

Senão eu não tenho tempo para ver os filmes que eu gosto.

JOÃO

E eu não posso jogar meu LoL.

KROMER

O que que é isso?

MARINA

(um pouco cansada, olhando para NICOLAS)
Nico... Eu acho que a gente não vai poder ajudar.

NICOLAS

É só dizer o que você sente quando tá com ele!

MARINA

(um pouco desesperada)
Eu sinto... amor! Vontade de ficar junto!

JOÃO

(dando um beijo no pescoço de Marina)
Vontade de chegar o mais perto possível e...

KROMER

Copular?

Marina e João arregalam os olhos. Nicolas começa a gargalhar. Kromer os olha sem entender, com a mesma expressão. Marina pede desculpas silenciosas a Nicolas e vai embora, indignada. João olha para os dois lados sem saber o que faz e decide correr atrás da namorada. Nicolas se senta no banco ao lado de Kromer.

NICOLAS

Não deu para pegar a ideia, né?

KROMER

Não. Nada.

NICOLAS

Droga. Eu jurava que eles iam saber falar. Ele vive escrevendo poemas bonitos para ela.

KROMER

Poemas de quê?

NICOLAS

De amor, ué.

KROMER

Já li alguns desses. Não consegui entender.

NICOLAS (pensativo)

Hmmm... Ok. Eu posso pensar em mais alguma coisa para te ajudar. Acho que... Acho que a gente devia andar por aí e perguntar para as pessoas que estiverem passando. Alguém vai saber.

Kromer assente com a cabeça e Nicolas começa a guiá-lo para outra saída da universidade, onde podem parar qualquer pessoa disponível para perguntar. Grande parte delas, no entanto, se esquiva do rosto feio de Kromer. Nicolas aborda várias pessoas, mas todas fogem.

EXT. — RUA — COMEÇO DA TARDE

Nicolas e Kromer estão caminhando e ainda tentando abordar pessoas nas ruas do entorno da universidade, cheias de pequenos bares. De uma delas sai um bêbado com uma garrafa de refrigerante cheia de cachaça, e tromba em Kromer. O extraterrestre se afasta, assustado. Nicolas sorri e decide brincar com o homem.

NICOLAS

Ei, fera. Um minutinho só.

BÊBADO

O quê?

NICOLAS

Esse meu amigo aqui...

BÊBADO

Essa coisa feia aí?

NICOLAS
(rindo)

Isso, esse aí. Ele tá fazendo uma pesquisa para... uma aula dele, e quer saber o que que é amor.

Bêbado
Amor?

NICOLAS
Amor, isso. O que que é amor para você?

Bêbado
É o diabo! Amor é para correr uma pinga aqui e ali e escorrer a pele do meu corpo em cima de uma cobra.

KROMER
(bastante confuso)
Cobra?

Bêbado
É! A cobra do governo do estado que escorre um ácido esquisito na minha pinga e daí eu lembro de amor e fico assustado porque a minha mulher me deixou e agora eu não sou ninguém e é só eu.

NICOLAS
(se segurando para não rir)
E você ama alguma coisa?

BÊBADO
(dando um beijo na garrafa de refrigerante)
A minha pinguinha, né?

Nicolas ri alto. Assustado, Kromer puxa o braço do garoto para que saiam de perto do bêbado, que volta a cambalear como se nada tivesse acontecido. Kromer caminha a passos rápidos, que fazem Nicolas começar a arfar em poucos minutos de caminhada.

NICOLAS
(arfando e rindo ao mesmo tempo)
Pelo visto medo vocês sentem por lá, né?

EXT.— RUA — TARDE. Em cenas rápidas e mudas, Nicolas caminha com Kromer pela cidade e apresenta uma infinidade de coisas: pixações sobre amor (“Bia, eu te amo e não vou te perder”; “O amor é importante, porra”; “Troque tudo por amor”; “Até alcachofras têm coração”); músicas (“Eu sei que vou te amar”, “Fico assim sem você”, “Carinhoso”); definições de dicionário. Também perguntam para as pessoas que não têm medo de Kromer e param para responder. Kromer balançava a cabeça negativamente para todos os casos. Vai entardecendo.

EXT.— CALÇADA — TARDE. Nicolas está sentado na calçada, com a cabeça entre os joelhos e arfando. Ainda impassível, Kromer está sentado ao seu lado.

NICOLAS
Olha, eu acho que eu realmente não vou poder te ajudar, cara. Eu não sei mais o que fazer.

KROMER
Mas eu ainda não tenho a minha resposta.

NICOLAS
Eu sei, mas não sei o que fazer.

KROMER
O que é amor para você?

NICOLAS
Eu não sei. Nunca me apaixonei por ninguém. Nunca senti isso.

KROMER
Eu não entendo.

NICOLAS
Nem eu. Como é que uma civilização tão avançada não entende um sentimento primitivo como o amor?

KROMER
Nós não sentimos.

NICOLAS
(pensativo, ainda com a cabeça entre os joelhos)

É... Faz sentido.

KROMER
E vocês que sentem e não sabem descrever?

NICOLAS
Eu não sei. Sabe o que eu acho?

KROMER
O quê?

NICOLAS
Que o amor entrou em extinção. Se você for pensar bem, eu não conheço ninguém que ame de verdade. Amar, amar, sabe?

KROMER
Na verdade não.

NICOLAS
(suspirando, decepcionado)
É, eu tinha me esquecido. Mas é isso: eu acho que as pessoas não se amam mais. Isso de morrer pelo outro, sabe? Se jogar na frente de um carro para salvar. Aqueles amores de livros, dos livros que eu já li para a faculdade. Eu acho que aquilo não existe. Ou não existe ou já acabou.

KROMER
Isso não seria bom para a minha pesquisa.

NICOLAS
(rindo amarelo)
É, né? Eu sei. Eu sinto muito.

Nicolas se levanta da calçada e sacode a poeira das roupas. Começa a caminhar pela rua, lentamente. KROMER se levanta, um pouco assustado.

KROMER
Onde você vai?

NICOLAS
Para a minha casa. Vem comigo. Você deve estar cansado depois de andar tudo isso. Pode descansar no sofá e tomar um café do meu avô.

Kromer assente com a cabeça. Caminham em silêncio pelas ruas movimentadas. Já está quase anoitecendo, e o trânsito está parado com congestionamento. Não se ouve nada além do som das buzinas.

INT.— CASA DE NICOLAS — TARDE. Nicolas abre a porta de sua casa e entra com KROMER na sala de estar. O cômodo é pequeno, dividido por uma bancada de uma cozinha apertada. Nessa cozinha, um VELHO está agachado olhando o andamento de alguma comida no forno. Ele se levanta quando ouve o barulho da porta. Da mesma maneira que os outros, se assusta um pouco com a aparência do KROMER. Logo completa com um sorriso

NICOLAS
Vô, esse é o... Ser intergaláctico que eu disse que ia ajudar hoje no trabalho.

VELHO
(limpando as mãos sujas de farinha na calça)
Ah, sim, sim. Tudo bom, seu etê? Me desculpa, estou com as mãos muito sujas de farinha.

VELHO
(estendendo a mão para o KROMER)
Prazer, OTÁVIO. O NICOLAS conseguiu te ajudar?

KROMER
(estendendo a mão um pouco sem jeito)
Não muito, na verdade.

Otávio se prepara para brigar com o neto, que tira os sapatos e se joga no sofá. O KROMER interrompe Otávio, tentando usar as convenções de etiqueta terráquea que estudou.

KROMER
Não foi culpa dele. Eu acho que me enganei sobre meu objeto de estudo.

Otávio volta para a cozinha para checar a comida no forno. Acende a luz do forno e avalia por alguns segundos antes de decidir desligar. Abre as gavetas procurando a gaveta e puxa a porta do forno.

OTÁVIO
O objeto de estudo era o quê mesmo?

NICOLAS
Amor.

OTÁVIO
Ah, tá explicado.

KROMER
(demonstrando interesse)
Por quê?

OTÁVIO
(puxando uma fornada de quatro sonhos)
Ah, má coisa para estudar. O amor é uma coisa em extinção.

Ninguém comenta nada. Otávio sai da cozinha com a fornada de sonhos na mão. Entrega um a Nicolas e oferece um ao Kromer, que olha com repulsa, mas decide não recusar. Caminha até a janela e olha para a rua com um dos sonhos na mão.

OTÁVIO
Ainda bem que eu fiz a conta hoje, hein, Nico? Senão o seu etê teria ficado sem.

KROMER
Mas por que quatro, se vocês são dois?

OTÁVIO
(rindo)
É por que o NICOLAS sempre come dois. Meu sonho é muito bom.

KROMER
Você também come dois?

OTÁVIO
(ainda sorrindo)
Não... Eu não gosto de sonho. Esse é para a vó do Nicolas

KROMER
Onde ela está?

OTÁVIO
(colocando o sonho na janela)
Em algum lugar que eu não posso alcançar. Ainda.

NICOLAS
Ai, vô. Não fala besteira. Vai demorar muito ainda para alcançar.

OTÁVIO
É, Nico, nunca se sabe, né? Mas ela já está me esperando há um tempo.

NICOLAS
Que besteira. Para com isso.

OTÁVIO
(rindo)
Ela sempre quis vencer em tudo. Até morrer morreu primeiro.

KROMER
Ela morreu?

NICOLAS
Morreu sim.

OTÁVIO
Câncer. Daqueles bravos que te levam rapidinho, sabe?

KROMER
(pausadamente)
Não. Mas eu acho que imagino.

NICOLAS
Vocês não têm câncer lá?

KROMER
Não. Nunca soube de ninguém que tivesse.

OTÁVIO
(suspirando)
Talvez eu devesse ter me mudado para lá, então. Já que esse planeta me tirou ela...
Otávio coloca o sonho, embrulhado em um guardanapo, com todo o cui-

dado no parapeito da janela. Fecha os olhos por um minuto e murmura alguma coisa sozinho.

OTÁVIO

Hoje eu fiz de creme, Abigail. Eu sei que ainda é o seu preferido.

Ele fecha os olhos como se esperasse uma resposta.

NICOLAS
(sussurrando)

Todo dia ele faz esse sonho e fecha os olhos, esperando que ela venha buscar. Sei lá, acho que esperando algum contato. As coisas aconteceram muito rápido, sabe?

KROMER
Quanto tempo faz?

NICOLAS
Quinze anos.

KROMER
Não é cientificamente possível que um morto se torne uma voz e caminhe pelo vento de volta para cá por conta de um sonho.

NICOLAS
(sorrindo amarelo)

Eu acho que esse é o tipo de coisa que a ciência não pode explicar. Nem quer.

Kromer fica em silêncio. Otávio ainda está de olhos fechados. O vento sacode levemente seus cabelos e esfria o sonho quente em cima da janela.

OTÁVIO

A morte é um coma infinito, sabe? Mas não definitivo. Para nós nunca é definitivo. O telefone está sempre no gancho, os ouvidos estão atentos à qualquer barulho na porta. Esperando ela chegar. Esperando que ela cruze a porta carregando aquelas tantas sacolas de supermercado. Aquele sorriso meio doce, meio debochado, aquela bronca pelas torres de louça na pia. E eu acho que é isso. Eu tô sempre esperando.

NICOLAS
(com a mão no ombro do avô, como se tentasse animá-lo)

É por isso que o senhor nunca lava a louça, então?

Otávio ri e abraça o neto. Sua expressão é um misto de alegria e saudade. Ele se afasta da janela e olha para a pia cheia de louça. Kromer está quieto, no canto do sofá. O sonho está intacto.

OTÁVIO
(rindo)
Me parece uma boa desculpa.

Kromer se levanta rapidamente e se encaminha para a porta. Nicolas corre atrás

NICOLAS
(assustado)
Onde é que você vai?

KROMER
(agitado)
Para o hotel.

NICOLAS
Fazer o quê?

KROMER
(abrindo a porta da casa e saindo)
Meu verbete do dicionário.

Kromer sai da casa e some na imensidão da avenida movimentada. Otávio e Nicolas se entreolham assustados. Nicolas não tenta correr atrás de Kromer.

CENA 7: Tela preta com créditos.

O visitante de K94 retornou a seu planeta no dia seguinte e não se soube mais dele. NICOLAS se formou em tradução validando suas contribuições entre os dois planetas como disciplinas optativas. Pesquisando mais tarde sobre K94, encontrou o dicionário de tradução de termos terráqueos e encontrou a resposta que buscou por algum tempo

Amor:

Colocar todos os dias sonhos na janela e esperar que a pessoa que você jurou passar a vida toda, mas não conseguiu, volte para buscá-los.

Risco de extinção.

Este livro foi produzido na tipologia Playfair
Display, corpo 10,5.

“Escrever é fácil. Você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca as ideias.”

A frase é batida, mas cabe aqui. Os textos de Amanda Ribeiro têm um quê de leveza, como se escrevesse seus contos e crônicas pelo mero prazer de escrever. Escreve como se contasse situações corriqueiras, mas sem perder uma faísca daqueles sentimentos que nos fazem humanos.

As ideias com que preenche o espaço entre a primeira letra maiúscula e o derradeiro ponto final destilam emoções distintas a cada página lida. Há textos delicados, construídos com uma fineza singular. Textos que gostaríamos de ter escrito, como “A valsa que não era dela”. Espero que o leitor aproveite tanto quanto eu e que pense, com uma ponta de inveja: Por que não tive essa ideia antes ?

Rafael Costa